

# **Teoria da Dependência Marxista: Uma análise da inserção da América Latina no Comércio Internacional nos anos 2000.**

Giselle Nunes Florentino<sup>1</sup>

## *Resumo*

A partir da ótica da Teoria da Dependência em sua versão marxista, da Superexploração do Trabalho, este artigo busca compreender como a dinâmica do comércio internacional ao longo dos anos 2000 perpetua o aprofundamento da lógica de reprodução do capital no Brasil e nos países latino-americanos em geral, decorrente da relação de dependência no capitalismo mundial entre os países periféricos para com os países centrais.

**Palavras-chaves:** Teoria da Dependência, Comércio Internacional e América Latina.

## **Introdução**

O objetivo deste estudo é criar um panorama da evolução das relações comerciais da América Latina, ao longo dos anos 2000, enfatizando a sua inserção no comércio internacional que perpetua o aprofundamento da lógica de reprodução do capital nos países latino-americanos devido a dinâmica do intercâmbio desigual culminando em superexploração do trabalho e não em estruturas capazes de romper com os mecanismos de transferência de valor entre nações periféricas e centrais.

Na primeira seção do artigo é apresentada os principais determinantes da dependência das economias periféricas, considerando que o desenvolvimento destes países está subordinado e/ou limitados pela expansão das economias dos países centrais.

Em seguida, será enfatizando o papel da superexploração do trabalho como pilar estruturante da dependência dos países periféricos, devido à existência de mecanismos de transferência de valor entre as economias periférica e central, em que a mais-valia produzida na periferia seja apropriada e acumulada no centro configurando-se como um uma espécie de “capitalismo incompleto” na periferia, o que Marini chamou de “capitalismo *sui generis*”.

---

<sup>1</sup> Graduanda de Ciências Econômicas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar. E-mail: florentino.giselle@gmail.com

Na última seção será feita uma análise da dinâmica da composição da pauta exportadora da América Latina e uma breve comparação com a tendência brasileira com objetivo de observar a participação no comércio internacional ao longo dos anos 2000 dessas regiões. Ademais, será analisada a evolução da participação das exportações no Produto Interno Bruto e avaliar os efeitos da trajetória dos preços das *commodities* e dos produtos manufaturados nos mercados internacionais para o período.

Por fim, este trabalho permite observar a ocorrência de uma contínua expansão do movimento de desindustrialização concomitante ao de reprimarização da pauta exportadora latino-americana, principalmente no Brasil, que vem se acentuando desde o início da década de 2000, bem como, a dependência do ciclo de preços das *commodities* primárias na América Latina, evidenciando que no comércio internacional, os países centrais se beneficiam e ajudam a agravar o processo contínuo de dependência dos países periféricos.

### **Teoria da Dependência Marxista: uma análise da dependência das economias periféricas.**

A teoria da dependência surge em meados da década de 1960, como complementação necessária à teoria do imperialismo, num contexto histórico de superação do processo de substituição de importações e emergência do processo de integração da economia mundial intermediado pela hegemonia norte-americana. Como assinala Sotelo Valencia (2007, p. 29) *apud* Amaral, os pressupostos doutrinários e econômicos políticos da teoria do imperialismo em sua formulação clássica,

*[...] fueran insuficientes para caracterizar al mundo que se desarrollaba en la periferia del sistema capitalista dominante, particularmente en su función histórica para viabilizarlo. Es de esta manera que el 'concepto' dependencia [...] representa um complemento necesario de la teoría del imperialismo para dar cuenta de la naturaleza de las sociedades que se desarrollan de manera subordinada en la periferia de sistema, como es el caso de América Latina.*

Segundo Amaral (2011), a proposta da teoria da dependência era a compreensão e análise dos efeitos do processo de internacionalização na estrutura interna dos países considerados periféricos. Deste modo, é como se a explicação e caracterização dos

fenômenos mais gerais ocorridos em nível mundial ficasse a cargo da teoria do imperialismo, enquanto que a percepção de como esses fenômenos mais gerais impactariam a estrutura social, econômica, política e cultural interna dos países periféricos seria tarefa própria da teoria da dependência.

Por conseguinte, deixando a cargo da TMD verificar como a lógica imperialista se reproduzia na periferia a partir do desenvolvimento do capitalismo em seu interior, construindo categorias teóricas específicas que dessem suporte a essa investigação.

De acordo com Marini (2000 p.109) é imprescindível entender a dependência como “[...] *uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo âmbito as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência.*”

A dependência, assim, seria uma situação em que uma economia estaria condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra à qual está subordinada, o que se expressaria no fato de a economia dominante poder expandir-se autossustentadamente – de forma contraditória e dialética, como característico do capitalismo – enquanto a dependente só o faria como reflexo dessa expansão, ou de forma constringida pela situação de dependência, tendo efeitos positivos e negativos sobre o seu desenvolvimento, conforme ressalta Carcanholo (2013).

Marini entende – da mesma forma que os estudiosos da Cepal, que a dependência

*[...] parte da noção do capitalismo como um sistema mundial; mas diferentemente da Cepal, não considera o desenvolvimento e o subdesenvolvimento como etapas de um continuum: eles serão vistos, antes, como realidades distintas e contrapostas, ainda que estruturalmente vinculadas. O subdesenvolvimento não é uma etapa que precede o desenvolvimento, ele é um produto do desenvolvimento do capitalismo mundial.*

A teoria da dependência aparece como uma crítica à tradicional “visão do subdesenvolvimento como uma ausência de desenvolvimento”, que considerava que o “‘atraso’ dos países subdesenvolvidos era explicado pelos obstáculos que neles existiam a seu pleno desenvolvimento ou modernização” (DOS SANTOS, 2000, p. 21).

Portanto desenvolvimento e subdesenvolvimento se apresentam como processos indissociáveis numa relação dialética. Ou seja, as economias centrais se desenvolvem às custas do subdesenvolvimento das economias periféricas, através de mecanismos de transferência de valores periferia – centro, conforme Mancio&Moreira (2011).

Estes mecanismos de transferências de valores constituem a dinâmica do intercâmbio desigual colimando em superexploração e não em estruturas capazes de romper com os mecanismos de transferência de valor, e isto implica, necessariamente, uma distribuição regressiva de renda e riqueza e em todos os agravantes sociais já conhecidos deste processo Amaral (2011).

Marini (2000) ressalta que a superexploração do trabalho se dá em função da existência de mecanismos de transferência de valor entre as economias periférica e central, levando a que a mais-valia produzida na periferia seja apropriada e acumulada no centro. Configura-se, assim, uma espécie de “capitalismo incompleto” na periferia (aquilo que chamou de “capitalismo *sui generis*”), justamente porque parte do excedente gerado nestes países é enviada para o centro – na forma de lucros, juros, patentes, *royalties*, deterioração dos termos de troca, dentre outras –, não sendo, portanto, realizada internamente.

### **Superexploração da força de trabalho nos países periféricos**

A categoria de superexploração da força de trabalho foi elaborada por Ruy Mauro Marini como fundamento da Teoria da Dependência Marxista, conforme Carcanholo e Amaral (2009) Marini nos mostra que sua ocorrência se dá em função da existência de mecanismos de transferência de valor entre as economias periféricas e central, levando que a mais valia produzida na periferia seja apropriada e acumulada no centro. Configura-se, assim, uma espécie de “capitalismo incompleto” na periferia, o capitalismo *sui generis*, chamado por Marini. Justamente porque parte do excedente gerado nesses países é enviada para o centro – na forma de lucros, juros, patentes, *royalties*, deterioração dos termos de troca, dentre outras -, não sendo, portanto, realizada internamente. Então os mecanismos de transferências de valor provocam uma interrupção da acumulação interna de capital nos países dependentes que precisa ser completada e, para tanto, mais excedente precisa ser gerado. E esta expropriação de valor só pode ser compensada e incrementada no próprio plano da produção –

justamente através da superexploração – e não no nível das relações de mercados, por meio de desenvolvimento da capacidade produtiva.

*“A produção latino-americana não depende da capacidade interna de consumo. Há uma separação entre a produção e a circulação das mercadorias. Aqui aparece de maneira específica a contradição inerente à produção capitalista, acaba com o trabalhador vendedor e comprador. Em consequência a tendência do sistema será de explorar ao máximo a força de trabalho do operário, sem se preocupar em criar condições para que este se reponha, sempre quando se possa suprir mediante a incorporação de novos braços ao processo produtivo. Acentua até os limites as contradições dessas relações de trabalho.” (MARINI, p. 45, 1985).*

Conforme Luce (2014), a consequência é que o trabalho acaba sendo remunerado abaixo do seu valor, configurando uma superexploração. Para Marini, existem quatro formas mediante as quais a superexploração pode ocorrer: i) a conversão da parcela do fundo de consumo do trabalhador em fundo de acumulação do capital; ii) o prolongamento da jornada de trabalho; iii) o aumento da intensidade do trabalho; iv) o aumento do valor histórico-moral da força de trabalho sem pagamento correspondente.

Ainda de acordo com Luce (2014), a forma mais evidente de superexploração é a contratação do trabalhador por baixo do valor da força de trabalho (conversão da parcela do fundo de consumo do trabalhador em fundo de acumulação do capital), o que grosso modo denomina-se: arrocho salarial, a perda do poder de compra dos salários. Já o prolongamento da jornada de trabalho além da jornada normal e o aumento da intensidade ou do ritmo de trabalho constituem um aumento da exploração intensiva do trabalhador. Sob esta forma de exploração do trabalhador, o aumento da extração de mais-valia é obtido através do prolongamento da jornada de trabalho e/ou da intensidade sem aumento correspondente de salário. Sendo o prolongamento da jornada por anos reiterados atinge um momento em que mesmo com o pagamento de remuneração adicional pelas horas cumpridas além da jornada normal, o trabalhador não repõe o desgaste da sua força físico-psíquica, implicando em seu esgotamento prematuro.

A modalidade da ampliação do valor histórico- social da força de trabalho sem atualização correspondente do salário requer um pouco mais de atenção a análise, já que

esta resguarda o principal lugar da superexploração. Haja vista, que a alteração do valor histórico-social encontra-se relacionada ao surgimento de novas necessidades sociais, fazendo aumentar o valor da força de trabalho, ressaltado em Luce (2014).

Portanto, de acordo com Carcanholo e Amaral (2009) como a determinação do valor da força de trabalho é histórico-social e, com o avanço das forças produtivas e, por conseguinte, das necessidades humanas, esse valor sobe e, se não é pago integralmente, temos uma nova forma de superexploração do trabalho. Logo, de maneira geral, que o trabalho se remunera abaixo de seu valor e isto, por si só, deixa patente a existência de superexploração.

Para Carcanholo e Amaral (2009) *“a superexploração da força de trabalho é a característica estrutural que demarca a condição dependente de um país. Considerando que sua ocorrência se dá em função da existência de mecanismos de transferência de valor entre as economias periféricas e central, levando a que a mais valia produzida na periferia seja apropriada no centro, configurando uma espécie de capitalismo incompleto na periferia, por conta da interrupção de sua acumulação interna de capital, que só pode ser completada com a geração de mais excedente no próprio plano da produção, justamente através da superexploração do trabalho.”*

Ademais, segundo Marini (2000) *apud* Amaral (2011) esclarece que a acumulação de capital no interior dos países dependentes assume características próprias. Em primeiro lugar, ela é caracterizada, em nível doméstico, pela existência de um mercado de trabalho barato, combinado com uma tecnologia capital-intensiva. O resultado, sob o ponto de vista da mais-valia relativa, é uma violenta exploração da força de trabalho, que se dá justamente como consequência de relações desiguais em termos do intercâmbio entre nações dependentes e centrais e dos mecanismos de transferência de valor reforçados por relações dessa natureza.

Ocorre que o resultado imediato destes mecanismos é uma forte saída estrutural de recursos, que traz consigo graves problemas de estrangulamento externo e restrições externas ao crescimento. E a única atitude que torna possível às economias periféricas garantir sua dinâmica interna de acumulação de capital é o aumento da produção de excedente através da superexploração da força de trabalho, *“o que implica no acréscimo da proporção excedente/gastos com força de trabalho, ou, na elevação da taxa de mais-*

*valia, seja por arrocho salarial e/ou extensão da jornada de trabalho, em associação com aumento da intensidade do trabalho” (Carcanholo, 2004, p. 11).*

Estes mecanismos levam a superexploração do trabalho nos países periféricos como forma de dar prosseguimento a acumulação de capital, repassando para os trabalhadores as conseqüências da dependência econômica que se revela nas relações comerciais entre países centrais e periféricos do sistema. A superexploração do trabalho é a forma de compensar, de reverter às perdas no mercado mundial, advindo das relações comerciais de dependência econômica (Marini, 2005).

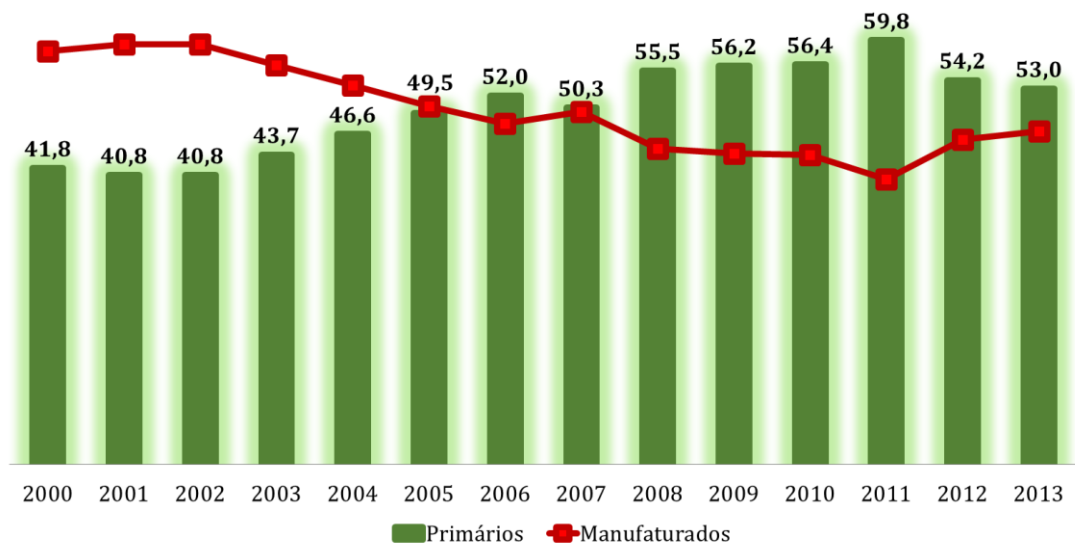
### **Análise do Comércio Exterior na América Latina ao longo dos anos 2000.**

A posição de dependência da América Latina surgiu a partir do processo de colonização europeia através de mecanismos de acumulação primitiva e transferência de riquezas para as nações centrais. Haja vista que os países latino-americanos estão em uma posição de dependência das economias centrais, devido às relações desiguais existentes na divisão internacional do trabalho.

A América Latina mostra sua importância na dinâmica internacional como uma região detentora de recursos naturais em alta escala. Segundo Mancio&Moreira (2011), o que chama a atenção dos países centrais para a exploração desses recursos, além da questão de mão-de-obra barata que contribui para a manutenção dos ciclos de acumulação do centro capitalista. A especialização na produção de *commodities* e insumos industriais interrompe o processo de diversificação produtiva na região, o que torna o desenvolvimento econômico cada vez mais difícil de ser alcançado com a continuidade desta prática, além de aumentar a dependência externa da região.

No gráfico abaixo, permite observar a evolução da participação dos produtos primários no total exportado na América Latina durante os anos 2000. É possível visualizar a redução da participação dos bens manufaturados sobre total de exportações, ratificando a ideia de uma clara mudança na pauta exportadora dos países latino-americanos a partir de 2003.

### **Gráfico 1 - Participação dos produtos primários e manufaturados no total exportado da América Latina (%) ao longo dos anos 2000.**



Fonte: CEPALSTAT; Elaboração própria.

A maior participação das *commodities* foi em 2011 com 59,8% contra 40,2% dos produtos manufaturados. Desde 2000 em trajetória descendente da indústria mostra uma leve recuperação nos anos 2012 e 2013, reflexo também a desaceleração dos preços das *commodities*.

É possível compreender que houve um aumento generalizado das exportações de *commodities* a partir do ano de 2003, concomitante com uma elevação dos preços de bens primários devido a constantes aumentos das taxas de crescimento da China e sua entrada na Organização Mundial do Comércio, o que marca uma nova configuração no comércio internacional em que os países produtores de *commodities* se aproveitarem deste movimento de forte crescimento chinês.

De acordo com Prates (2007) a alta dos preços das *commodities* principalmente no período 2002-2005 pode ser explicada pela soma de fatores diversos, como a recuperação econômica global, desvalorização do dólar, bolha especulativa fomentada pelas taxas de juros baixas, e do crescimento econômico da China.

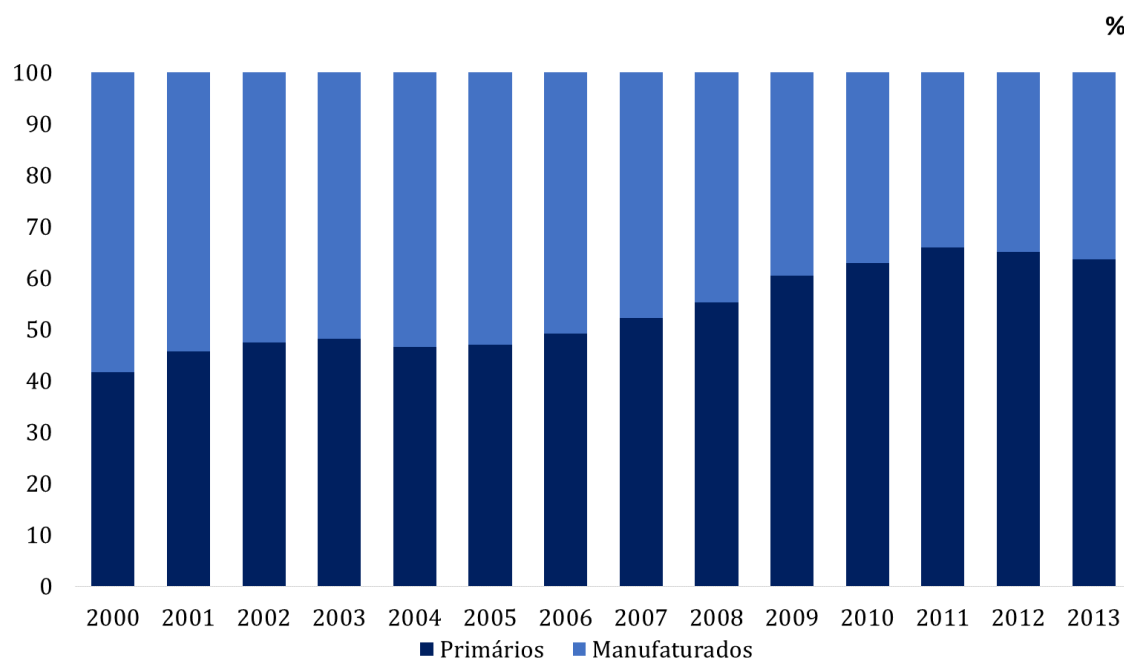
Podemos observar o efeito de curto prazo favorável para a América Latina com a maior participação da China no comércio internacional. Porém não podemos ignorar as



consequências das desvalorizações da moeda norte americana, que desfavorece as indústrias intensivas em tecnologias reduzindo a competitividade desse setor no comércio internacional contribuindo para o agravamento da reprimarização no médio e longo prazo.

Tendo em vista, que os países que são intensivos em exportação de recursos naturais também sofrem com a elevação de longo prazo de sua taxa de câmbio, dificultando a expansão de setores econômicos que utilizam tecnologia avançada. No gráfico abaixo podemos verificar a participação da pauta exportadora no Brasil e observar de forma mais específicas as mudanças ocorridas nas relações exteriores do país.

**Gráfico 2 - Participação dos produtos primários e manufaturados no total exportado do Brasil (%) ao longo dos anos 2000.**



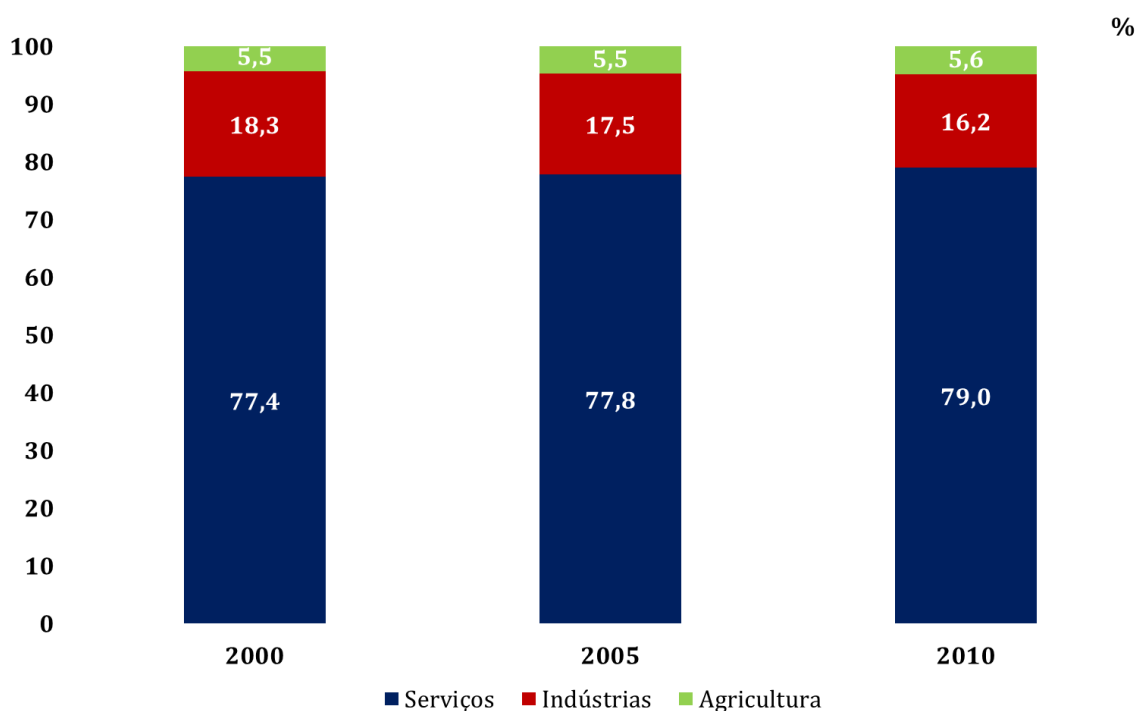
Fonte: CEPALSTAT; Elaboração própria.

No Brasil podemos verificar a mesma tendência de declínio na exportação dos produtos manufaturados da América Latina, entretanto de forma mais aguda, considerando que a partir de 2004 os produtos manufaturados contavam com 53,4% dos

produtos exportados e passou para 34,1% em 2011, variando negativamente 36% em sua participação. Concomitantemente, a participação das *commodities* na pauta exportadora passou de 48,2% para 65,9% no mesmo período, um aumento de 37,7% na exportação de produtos primários.

Ademais, observando o comportamento da participação dos setores de atividades econômicas na composição do PIB da América Latina pode-se evidenciar a retração da participação da indústria no PIB, por conseguinte, é possível perceber a expansão do setor de serviços. Em 2000 a indústria contribuía com 18,3% para a formação do PIB da região e em 2010 sua participação passou para 16,2%, uma queda de 11,5% na variação ao longo dos anos. Enquanto o setor de serviços aumentou 2,1% na estrutura produtiva da América Latina.

**Gráfico 3 - Participação dos setores produtivos no PIB da América Latina (%) ao longo dos anos 2000**



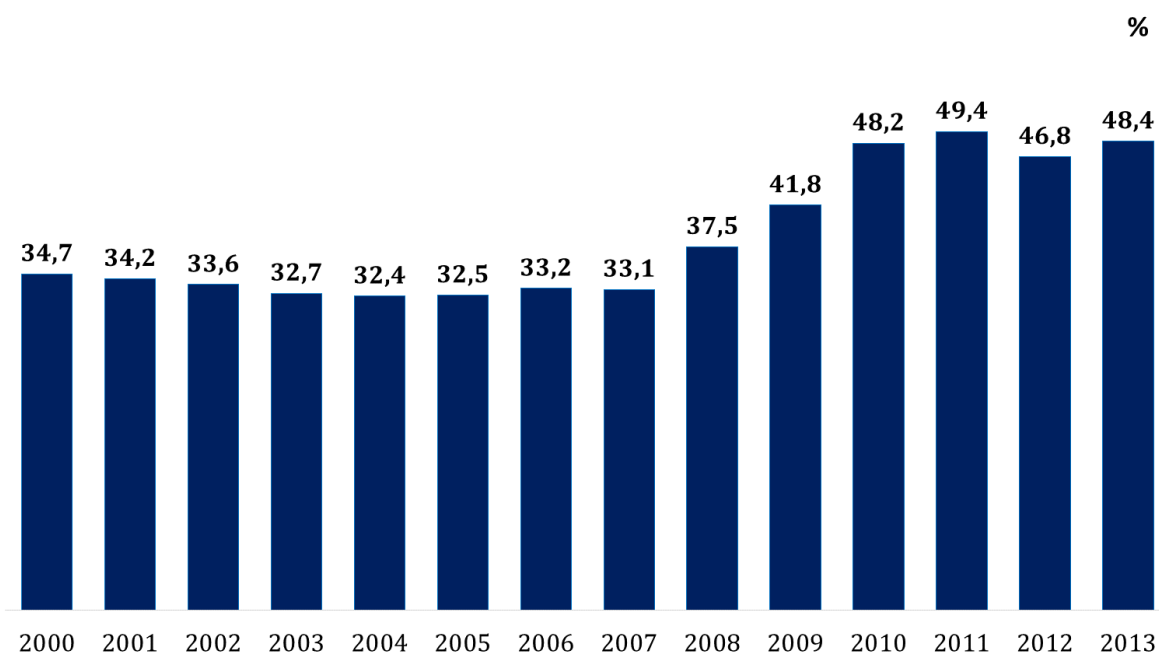
Fonte: CEPALSTAT; Elaboração própria.

Em relação ao Brasil, a tendência da estrutura produtiva brasileira acompanha a do restante da região latino-americana. Considerando que 2005 a indústria correspondia com 29,3% na composição do PIB passando para 28,1% em 2010. Por outro lado o

setor de serviços teve um aumento de 2,5% de 2005 para 2010 na participação do PIB do país.

Ademais, considerando que a pauta de exportações do Brasil em 2004 que 10 produtos principais respondiam por 32,4% das exportações totais do país, sendo 4,9% formado por minério de ferro, 5,6% de soja e 2,6% de petróleo. No entanto, em 2011 houve um aumento de 52% na participação dos principais produtos na pauta exportadora do país, passando a concentrar 49,4% das exportações. Sendo formado por 16,5% de minério de ferro, 8,5% de petróleo e 6,5% de soja. Com isso, pode-se inferir a dependência do país com a exportação de commodities, ficando refém da instabilidade de seus ciclos de preços. Que em certos momentos podem alavancar os ganhos da exportação, contudo em momentos de crise pode tornar ainda mais dramática a dinâmica do mercado interno.

**Gráfico 4 - Participação dos principais produtos de exportação do Brasil (%) ao longo dos anos 2000.**

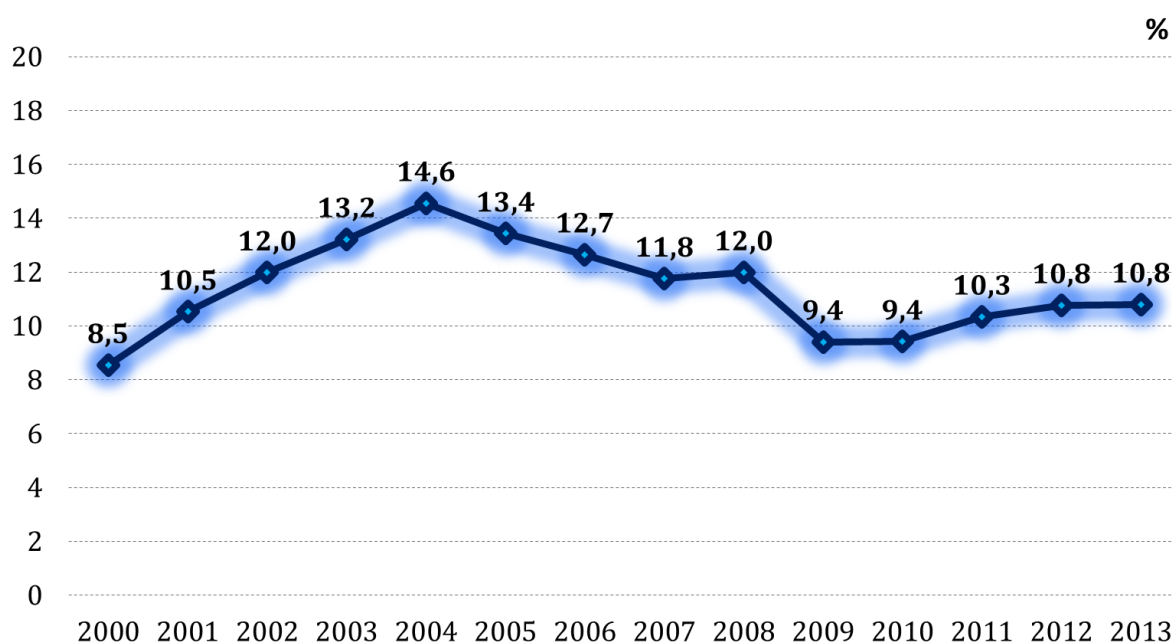


Fonte: CEPALSTAT; Elaboração própria.

Haja vista, que a participação das Exportações no PIB do Brasil em 2004 foi de 14,6% passando para 10,3% em 2011 em trajetória descendente chegando a 9,4% em

2009 e 2010. Em 2004 como já mostrado ocorreu um movimento de alta dos preços das commodities levando ao aumento de exportações do Brasil para o mundo, no entanto em 2008/9 ocorre a crise internacional que teve reflexos severos na pauta exportadora do país, havendo uma variação negativa de 29,4% em relação ao total do PIB em 2004. Entretanto a partir de 2011 as exportações seguem em ritmo de recuperação voltando a patamares de antes da alta de preço de produtos primários.

**Gráfico 5 - Participação dos principais produtos de exportação do Brasil (%) ao longo dos anos 2000.**



Fonte:MDIC/SECEX; Elaboração própria

Conclui-se, que é possível apontar que está ocorrendo uma desindustrialização concomitante com uma reprimarização da pauta exportadora na América Latina - e de forma mais intensificada no Brasil, e não obstante, com uma trajetória de pujante ascensão do setor de serviços uma pujante ascensão do setor de Serviços ao longo das décadas em detrimento do setor industrial. Ressalta-se que a expansão do setor de serviços também está ocorrendo nos países centrais. Contudo, é necessário evidenciar que a industrialização nestes países é madura e bem consolidada, enquanto na América Latina o parque industrial não chegou a este estágio e mesmo assim está acompanhando o movimento de direcionamento das atividades para o setor terciário.

## **Considerações Finais**

Este trabalho buscou analisar as relações exteriores da América Latina sob a ótica da Teoria da Dependência Marxista, bem como, a dinâmica da sua estrutura produtiva frente a sua participação no comércio internacional. A partir da análise da composição da pauta exportadora da América Latina é possível visualizar a redução da participação dos bens manufaturados sobre total de exportações, ratificando a ideia de uma clara mudança na pauta exportadora dos países latino-americanos a partir de 2003, caracterizando a ocorrência de uma reprimarização concomitante com a desindustrialização da região acompanhada por uma tendência de expansão do setor terciário.

Haja vista, que a condição de reprimarização da pauta exportadora nos anos 2000 apenas ratifica a condição de dependência dos países latino-americanos frente aos países centrais. Ademais, tais condições externas levam a superexploração do trabalho nos países periféricos como forma de dar prosseguimento a acumulação de capital, repassando para os trabalhadores as conseqüências da dependência econômica que se revela nas relações comerciais entre países centrais e periféricos do sistema. A superexploração do trabalho é a forma de compensar, de reverter às perdas no mercado mundial, advindo das relações comerciais de dependência econômica, como já observado por Marini. Com isso, a categoria de superexploração do trabalho mostra-se cada vez mais necessária para compreender as transformações do comércio mundial, bem como, seus reflexos na dinâmica dos países da periferia do sistema capitalista.

Este modelo de comércio internacional tende a favorecer os países com maior capacidade tecnológica, e com predominância do fator de produção capital sobre o fator trabalho. Concluindo-se que o comércio internacional resulta em benefícios apenas para os países centrais e ajudam a agravar o processo contínuo do subdesenvolvimento dos países periféricos em geral. A condição de dependência apenas pode ser alterada via superação do modelo de produção capitalista.

## Referências Bibliográficas

AMARAL, Marisa Silva . Nova Configuração do Capitalismo Mundial e seus Desdobramentos do Ponto de Vista das Formulações Originais Acerca do Imperialismo e da Dependência. In: 35º Encontro Anual da ANPOCS, 2011, Caxambu/MG. Anais do 35º Encontro Anual da ANPOCS, 2011.

CARCANHOLO, Marcelo Dias (2004). “Dialética do Desenvolvimento Periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e alternativas de desenvolvimento”. In: Anais do IV Colóquio Latino-americano de Economistas Políticos, 31 de outubro a 02 de novembro. São Paulo.

\_\_\_\_\_ (2013). O Atual Resgate Crítico da Teoria Marxista da Dependência. Trabalho, Educação e Saúde (Online), v. 11, p. 191-205, 2013.

CARCANHOLO, Marcelo Dias; AMARAL, Marisa Silva . A Superexploração do Trabalho em Economias Periféricas Dependentes. *Revista Katalysis*, v. 12, p. 216-225, 2009.

DOS SANTOS, Theotônio (1970). The Structure of Dependence. In: *American Economic Review*, maio, pp. 231-236. New York.

LUCE, Mathias Seibel . A superexploração da força de trabalho no Brasil. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, v. 14, p. 119-141, 2012.

MANCIO, Daniel; MOREIRA, Renata Couto (2012) . “A dependência latino-americana e a reprimarização da economia”. In: XVII encontro nacional de economia política, 2012, Rio de Janeiro. In: Anais XVII Encontro Nacional de Economia Política, 2012.

MARINI, Ruy Mauro. (2000). *Dialética da Dependência – uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini*. Petrópolis: Ed. Vozes.

\_\_\_\_\_ (2005). “Dialética da Dependência. In: Transpadini, Roberta e Stedile, João Pedro (Orgs). *Ruy Mauro Marini: vida e obra*. São Paulo. Expressão Popular.

PRATES, Daniela. (2007). “A alta recente dos preços das commodities”, in: *Revista de Economia Política*. Vol. 27, no. 03, São Paulo, julho/setembro de 2007.

SOTELO, Adrian (2007). *El Mundo del Trabajo en Tensión. Flexibilidad laboral y fractura social en la década de 2000*. México: Plaza y Valdes Editores.